



Sociedade das Ciências Antigas

A RECONSTRUÇÃO DO SER



*Homem esculpindo-se a si mesmo,
do artista uruguaio Yandí Luzardo,
inspirada no princípio da evolução consciente.*

*“Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo”
Mahatma Gandhi.*

Esse é o estado de lucidez que o homem está destinado a atingir.

Se olharmos com a atenção necessária o mundo que nos cerca, perceberemos que há uma escala evolutiva abarcando todos os reinos da natureza.

No homem, podemos notar em sua personalidade, desde os modos mais brutos, até os mais refinados. Tal graduação de desenvolvimento se faz notar em todas as esferas de sua manifestação; seja em seu intelecto, em seus sentimentos, em seus desejos, paixões, etc.

Assim como a Natureza transforma um pedaço de carvão em um belo diamante, através da ação da temperatura e pressão, transforma também o homem através de sucessivas experiências pelas quais ele passa durante suas manifestações no Reino (plano da forma).

A mudança da “persona” de um indivíduo egoísta, bruto, violento, ganancioso e sem compaixão, em um ser livre de suas asperezas, não egoísta, refinado, pacífico, com compaixão até mesmo para com

outras formas de vidas ditas “inferiores”, com amor ao próximo, é realmente digna de ser chamada de “A Grande Obra”.

Tais seres humanos como Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, entre outros humanistas e passando até pelas almas santas tais como São João da Cruz e Santa Tereza d’Ávila, mostram a aurora da raça humana, o destino para o qual caminhamos, mesmo que não tenhamos consciência disso.

Até que alcancemos uma consciência do trabalho que está sendo realizado, para que possamos tomar as rédeas nas mãos, ou seja, para que tenhamos mais independência e sejamos mais autônomos em relação ao nosso desenvolvimento, somos guiados por forças da Natureza, assim como o gado é guiado para as fontes de alimento, água e abrigo.

Quando atingimos o ponto de fazer um trabalho plenamente consciente nessa direção, começamos a intuir que há algo de superior ou divino em nós mesmos, ainda que vagamente.

A busca por algo que nos “chama” se torna a tônica em nossas vidas. É como o norte para uma bússola. Aos poucos aprendemos a “ouvir” a “voz” que “clama” no “deserto”.

De grau em grau, mergulhamos nestas relações com aquilo que parece nos atrair cada vez mais, como uma fogueira atrai por sua “luz” e pelo seu “calor” aquele que anda distante de suas propriedades.

Estas intimidades, estas relações mantidas frequentemente com esta “presença”, pouco a pouco, como que por ressonância, nos eleva a um grau ainda mais refinado ou sutil de consciência.

Este novo estado cuja base vem do interior, logo se faz presente em suas relações com o mundo exterior, como que ordenando todo o caos existente na natureza a sua volta.

A esta altura sente-se o desejo ardente pelas virtudes celestes, o desejo de comunhão com estas “ideias-forças”, de ser banhado por elas até o ponto de sê-las.

Uma vez isso desejado, torna-se evidente que a única via humanamente possível, é o esforço de se assemelhar a elas.

A relação dessa “presença” com o homem exterior, passa a ser mais intensa e mais íntima.

O homem exterior deve ser “absorvido” pela “chama”, dando livre acesso á sua manifestação sem nenhuma reserva. Aos poucos o “comércio” entre eles vai sendo intensificado e consolidado.

O homem está crucificado, embora ainda não o saiba; e se ignora este fato é porque o verdadeiro Cristo dentro dele ainda se acha identificado cegamente com a “cruz” a que está preso.

Devemos estar sempre lúcidos para lembrarmos a todo instante de que somos o “Cristo” e não a “cruz”.

Quando alguém entra na vida espiritual, deve pôr o “coração” sobre a “cruz”; e quando a “cruz” e o “coração” se unificam, está assim terminada a parte mais difícil e dolorosa de sua formação.

Quando o homem exterior se deixa ser “absorvido” pelo “homem interior”, ele pode então dizer verdadeiramente: “Que se faça a Tua vontade e não a minha”. Logo, o nosso progresso está ligado à nota dominante de nossa vida: o auto sacrifício, ou o egoísmo.

A tarefa é reavivar nossa conexão com o espírito, para então voltarmos ao mundo e integrarmos a ele o que tivermos recebido.

*“Em minha carne eu verei à Deus!”
Jó 19:26*

Se somos feitos à imagem e semelhança de Deus, então nosso propósito é nos tornarmos espelhos da Divindade.

*“Deus cria o mundo e depois vem ver o que criou”
Autor do artigo*

Devemos criar uma habitação para Deus, como nos é dito no êxodo: *“E me farão um santuário e habitarei entre eles” (Êxodo 25:8).*

Deus quer tornar-se manifesto no Reino.

A um certo nível de consciência, torna-se perceptível toda a estrada percorrida; tem-se então a visão do que se foi, do que se é e um pequeno vislumbre do que se está destinado a ser.

Devido a isso, pode agora compreender as atitudes de seus irmãos, que agem segundo as propriedades inerentes ao seu grau evolutivo.

“O mestre compreende o discípulo, mas o discípulo não compreende o mestre”.

É através da compaixão, pelas dores que “sente”, vislumbrando a vivência de seus semelhantes, que ele agirá daqui em diante. Em suas relações com o Criador, ele rogará pela iluminação da humanidade, para que possam sair das trevas em que se encontram. Por onde quer que passe ele desejará ser um agente-reflexo das “luzes” que zelam pelo desenvolvimento dos mundos.

Será como um irmão mais velho que zela por seus irmãos menores.

A semente da “luz” só pode germinar quando encontra um solo fértil. Assim, durante sua senda ele semeará os “solos” que julgar aptos a germinar as “sementes de luz”; para os demais, ensinará no silêncio, através do exemplo, através do correto uso dos “talentos” que recebeu do Criador, como o reto falar, o reto ouvir, o reto olhar, o reto sentir, etc... É através de sua conduta pura, que fará notar a “luz” àqueles que o cercam.

Perceberá que não é possível “converter” ninguém às suas concepções, a não ser, sendo ele próprio a encarnação das virtudes celestes operando neste plano; então arrastará consigo e até mesmo após sua vida, milhares de almas sedentas pela “conversão”.

Terá realizado assim, uma obra grandiosa baseada unicamente no trabalho de regeneração de seu próprio ser.

A Grande Obra passa por muitas fases intermediárias até que tudo seja consumado, ou seja, até que a alma individual se unifique com o Criador.

Há a luta do Velho Adão com o Novo Adão.

O velho Adão, ou o velho homem (a persona) com seus vícios, seus temperamentos arredios, com sua sede por prazeres sensoriais, sempre insaciáveis, um dia vislumbra “algo” que o infecta com o

germe da reestruturação, que ordenará seu caos, sua desordem. A partir desse contato, estará ele fadado a “morrer” lentamente.

“A fera olhará a face da beleza e a beleza acalmará a fera, e desse dia em diante, a fera ficará a mercê da morte”.

(provérbio árabe).

Tem início uma verdadeira guerra. O Velho Adão uma vez tendo colocado os “olhos” na “beleza”, entra como que em crise, o que gera sofrimento para ele, pois, de agora em diante, ele entra numa dicotomia devido a sua atual natureza e a natureza que deseja ser, mas da qual ainda não participa.

No início o prato da balança pende mais é o do Velho Adão, mas com o passar do tempo, chega-se à um equilíbrio, e é nesse equilíbrio que o “comercio” entre eles se mantém mais constante.

Seu destino é ser absorvido pela “beleza”, nascendo assim o Novo Adão ou o Novo Homem, o “renascido entre os mortos”. É a “rosa mística” que desabrocha no centro da “cruz”.

“Não sou eu mais que vivo, mas vós que vives em minha vida”.

Todo o trabalho resume-se em fazer o Cristo descer da “cruz”. Na verdade Ele deveria ser representado estando atado frouxamente ao madeiro dos quatro elementos e de olhos abertos, sem sofrimento, pois o sacrifício foi voluntário, mesmo que não saibamos disso.

A descida da “força” já foi realizada até o ponto de retorno, mas antes de iniciar o retorno, ela deve fazer-se plenamente consciente e plenamente ativa neste plano.

Os homens estão no exílio, ou seja, na **Privação da Divindade**, e a primeira coisa que deve aprender, ou melhor, lembrar, é “respirar verticalmente”.

A identificação com a matéria é que causa esta privação, que por conseguinte gera uma compressão na alma, um certo desespero, uma asfixia, como se estivesse em um ambiente cujo ar fosse rarefeito.

É função do Iniciado, esclarecer as almas que o cercam, lembrá-las da “respiração vertical”.

Assim como o homem tem uma respiração “horizontal”, afim de que o ar que o envolve possa oxigenar seu sangue, ele também tem uma “respiração vertical”, que é o ato de mergulhar no interior de si mesmo e “dialogar” com o “ALTO”, buscar uma Relação e uma Revelação com ele.

Após uma oração, por exemplo, a alma parece estar como que revitalizada, plena, e muitas vezes sentimos um estado de alegria e contentamento. O ato de respirarmos verticalmente cessa a “compressão” da alma e a leva a um estado capaz de continuidade enquanto associada à matéria.

Este estado de contentamento faz com que o jugo da matéria seja mais leve e desenvolve uma interação mais harmoniosa com as outras individualidades com as quais entra em contato no seu dia a dia.

Aos poucos o homem que ora, vai descobrindo o silêncio.

Não o silêncio comum, exterior, mas o silêncio de todo o seu ser, de todos os corpos que o constituem. Este trabalho está expresso na primeira carta do tarô; e as consequências de sua realização são expressas pela segunda.

O iniciável precisa entrar em contato com sua alma e obter daí a gnose. Este é o verdadeiro caminho e o início do despertar.

No exílio, duras são as batalhas pela existência, duras são as provas que o conduzem sem o saber, para esse despertar. Através das provas do dia a dia, o homem tem a sensação de um mundo injusto e incoerente. Mas, a Providência vai ajustando tudo... a Justiça vai se afirmando, o corretivo vai se aplicando... mas o homem (a persona) não tem a consciência disso. Todos os acontecimentos vão forjando a individualidade a ponto de poder responder fielmente às necessidades do “ALTO”, ou seja, a vontade de se manifestar em todos os planos da criação, inclusive no Plano da Forma.

A Justiça é uma clara prova do amor do Criador. A Justiça Divina opera através da lei de causa e efeito, e sem essa lei viveríamos num caos de infinita ignorância e miséria. A lei “*O que o homem semear irá colher*”, nos torna capazes de por livre e espontânea vontade escolhermos estar de acordo com os desígnios do criador, que não é senão o “*Sede perfeitos como o Pai que está no céu*” (Mateus 5,48).

O próprio Cristo afirma isso e jamais teria dito se fosse algo impossível de ser alcançado. Mas seria algo realmente impossível se tivesse que ser alcançado em apenas uma vida.

Em certo estágio de nossa evolução, foi necessário que nos sentíssemos egoístas e pensássemos bastante em nós mesmos, afim de que pudéssemos nos tornar fortes centros de consciência individualizada. Mas nós formamos esta individualidade com o propósito de podermos ajudar no esquema divino, de podermos vir a ser até como Ele, que é o EU maior.

Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.
(Êxodo 3,14)

O próximo passo da nossa evolução, é aprender que não existimos só para nós mesmos, mas para os outros e que a nossa individualidade deve expandir-se até que possa abranger todas as demais. Durante essa nossa evolução, passamos muito tempo construindo um “centro” no qual a nossa alma pudesse crescer, se desenvolver. Esse centro é como uma concha e temos que diminuir a força de isolamento dessa concha e nos abrir para o sentido de unidade do todo.

Conforme vamos nos alinhando com a vontade da alma (pois a alma sabe qual é a vontade de Deus), mais santa e reta é nossa conduta perante nossos semelhantes, perante a natureza e perante a vida; ao passo que mais irracionais e violentos parecem ser os demais à nossa percepção. Isso gera muita dor, não só, mas principalmente quando estamos envolvidos em suas ações.

Há uma angústia, há uma sede pelos princípios, pelas virtudes, por algo que possa colocar-nos num estado de pureza mais intensa, pois parece que todo esforço para sublimar a qualidade das ações, dos pensamentos e dos sentimentos, não chegam a matar a “sede” que se sente de um estado do qual ainda “não se conhece”, mas que se sabe existir de alguma forma; talvez uma espécie de memória não consciente de um estado ulterior de Ser, estado este que nos empurra para frente, a desejar como que um resgate do que um dia se tenha sido.

Às vezes percebe-se raros e rápidos momentos de uma certa lucidez e um sentimento de quase imortalidade, sente-se plenificado de força, equilíbrio e compaixão, que anulam completamente todas as reações instintivas, automáticas, dos pensamentos, das emoções e das reações físicas; apenas a serenidade e a compaixão tem lugar.

“Vibramos entre a “vida” e a “morte”, um estado alternado de “vida” e “morte” até que a “vida” supere a “morte””.

Madame Guyon

Todos os dons ou faculdades devem convergir para a vontade, assim como a luz do Sol numa lupa, para que a vontade ganhe potência já que ela é o meio para operar a transformação do ser, de alinhar a vontade e o desejo com a Vontade e o Desejo do Criador.

O homem é feito á Sua imagem e semelhança, e por isso é a “cópia” do “Modelo”, e a cópia sempre tenderá a se aproximar naturalmente do modelo por ressonância devido ás suas relações.

Aumentar em grau a fidelidade de suas relações é fazer-se um ímã natural; e da mesma forma que gotas de óleo separadas se aglutinam ao centro quando sobre a água, assim as almas se aglutinam no Real Ser (Aquele que É) para participar de Sua Natureza.

A vida moderna é rica em divertimentos e muito pobre em espiritualidade e arrasta o homem para o exterior, para o jogo dos sentidos, em prejuízo da harmonia que lhe deveria ser a base para qualquer tipo de realização que busque pois sem ela, todas as suas construções se tornam efêmeras em sua realidade aparente e ruem.

O mundo deixa cada vez mais homens doentes, uns deprimidos, outros insatisfeitos, ansiosos, com seu sistema nervoso abalado, etc... como que denunciando a falência de seus valores éticos-morais e das ambições tecnológicas que não trazem a felicidade e a paz para a criatura humana. Sem falar na corrupção desenfreada que conspira contra os ideais de nobreza de espírito e de justiça.

Há uma nuvem imensa de descrença do homem pelo homem e uma terrível indiferença pelo amanhã, que ameaça a família, o casamento, o amor, a sociedade...

Ás vezes surgem “estrelas” na “grande noite”. São bússolas que apontam o caminho para grande numero de indivíduos á uma mudança imediata de comportamento mental e moral. Suas vozes nos convidam á razão e á reflexão.

Cedo ou tarde o homem será impelido para a interiorização.

Ela é um meio eficaz para disciplinar a vontade e exercitar a paciência com a qual irá vencer a cada dia as tendências inferiores nas quais patina. Com a interiorização acalmam-se as emoções e sobrevém o discernimento.

A interiorização deve ser atenta, mas não tensa e nem rígida.

Concentra-te, sentado comodamente, mas não para ficar mole e ser conduzido ao sono. Invade o desconhecido território da tua mente, mas sem julgar, censurar, sem se envolver, apenas seja um observador perfeitamente equilibrado diante dos acontecimentos sem interferir em nada.

Respira calmamente e sente o ar que abençoa tua vida. Realiza este exercício pela manhã e antes de dormir de 15 a 30 minutos diariamente.

Durante a vida profana busca a companhia de pessoas moralmente sadias e sábias, que se harmonizem com tua pessoa.

As pessoas acham que algumas boas ações bastam para a paz de consciência e a conquista do “reino dos céus”. Entre nada fazer e realizar algo, é sempre melhor produzir algo bom, mas mesmo uma ação generosa periódica não é suficiente para equilibrar os valores humanos no campo da batalha da personalidade.

A vida mental e sentimental conturbada não fica anestesiada devido á alguns atos de solidariedade. O reto sentir e o reto pensar é o caminho para se atingir o reto atuar. Mediante o reto pensamento e o reto sentimento, o homem se descobre também agindo retamente.

Mas, não se torne fiscal do lixo moral e nem colete os detritos do pessimismo e da vulgaridade.

Não devemos também julgar nossos semelhantes, principalmente quando não estão presentes. Devemos buscar os valores positivos que existem nos outros e estudar meios para absorvê-los, aprimorar aqueles que já existem em nós e transmutar aqueles que estão deturpados em nós.

Devemos ser equilibrados em nosso íntimo e nas nossas expressões exteriores; falar menos, nos colocar mais no doce silêncio, raciocinar a respeito da perda de tempo com as ilusões e futilidades do dia a dia.

A batalha mais difícil de ser travada ocorrerá no íntimo de cada um; ninguém a vê, ninguém a aplaudirá ou a censurará; é apenas a batalha de cada um; vitória ou derrota pertencerá só a você, em silêncio.

Nenhuma ajuda exterior poderá contribuir para o sucesso. Os amigos e os inimigos residem na “casa interior”, e você os conhece e te acompanham há muito tempo, mesmo que finja não os conhecer, mesmo que insista em ignorá-los. Eles te levam a glórias e a quedas, a atos heroicos ou a fugas e podem te erguer “as estrelas” ou te amarrar ao “carro das ilusões”, ao Maia.

Os inimigos e amigos são conduzidos pelo Ego e o Eu. O Ego comanda as paixões que geram o reinado do Egoísmo cego que **alucina, ou seja**, não deixa perceber a existência do verdadeiro Eu. É a herança, a reminiscência do reino animal ainda não transmutada, o maior adversário do Eu Verdadeiro, que é a tua individualidade cósmica, que te impele, impulsiona para as emoções superiores, sublimes e para a libertação dessa individualidade que está limitada pelo jugo da matéria. É como que um Sol interno, uma chama na fumaça que é o Ego, aguardando o momento de dissipá-la, a fim de brilhar em plenitude. O Ego combate e tenta asfixiar o Eu.

Através de disfarces (fazem acreditar que você é isso) o Ego mente, estimula a sensualidade, a ganância, o ódio, a inveja, etc... Ameaça a paz e faz alianças com as coisas vãs, em busca de dominação.

O Eu ama, desculpa, renuncia, humilha-se e serve sem cessar; jamais barganha ou engana. O Eu induz á harmonia, e se destitui de todas as posses, pois sabe que não é possuidor de “adornos” que não possuem valor Real.

O Ego humano deve ceder o seu lugar ao Eu cósmico, fonte de inesgotável paz. O Ego não deve ser destruído, mas absorvido e transmutado pelo Eu cósmico.

Jamais pare de lutar.

O homem comum se satisfaz com os prazeres que exaurem os sentidos, sem qualquer benefício para sua alma. Todos os seus planos e aspirações giram em torno de lucros, com os quais providencia metas imediatas em direção ao prazer sensorial. Prazer alimentar, prazer sensual, prazer no sono, na ambição, sensualismo da mente, etc...

O seu intelecto se volta para o utilitarismo e o seu sentimento para a sensação. As inquietações nascem dos desejos insatisfeitos, atormentando o coração.

O crescimento que almeja é “horizontal” e encontra dificuldade para o crescimento “vertical”. O homem deve emergir dos sentidos opressores e alar-se (se tornar alado).

“Verticalize” a conduta e comande o pensamento e o sentimento, mantenha-se lúcido, ou seja, mantenha-se fixo na luz móvel.

Os acontecimentos da vida, as sucessões de eventos são enfocados de acordo com as próprias “lentes” de seus desejos pessoais. O seu humor é instável porque é governado pela força da paixão cega. A sua fé é acomodada.

O homem comum vive embriagado pelas vaidades, ou aturdido, ansioso ou desiludido. O homem lúcido, consciente, movimenta-se em paz.

Não busque, nem fuja dos fenômenos da existência física. Seja o controlador dos seus impulsos e sentimentos, de forma que não se sinta nem infeliz pelo insucesso, nem exaltado pelo êxito. Mantenha-se livre de qualquer circunstância. No equilíbrio de sua razão e de seus sentimentos, encontrará o início do “doce silêncio” e descobrirá a libertação das dores que o mundo causa, e vencerá as paixões desregradas.

A ilusão fascina o Ego, mas some como a fumaça, a posse agrada, mas se transfere de mãos, o poder apaixona, mas também se transfere de mãos, o prazer alegra, mas é efêmero, a glória na Terra exalta, mas desaparece, quem vence hoje mais tarde é vencido.

Como diz Santo Agostinho: “Tudo é vaidade!”.

Todas as situações do mundo sensorial passam, mudam de posição e de forma. Nada é definitivo na aparência. Apenas o que tem valor intrínseco é duradouro e quem por livre e espontânea vontade se abstém dos sentidos e das exterioridades sem rancor e frustração, encontra a sabedoria da vida.

A reencarnação é um processo de iluminação pelo trabalho, pela transformação moral. Muitos pretendem alcançar a felicidade espiritual através da mortificação física e acreditam que no recolhimento pessoal e isolamento do mundo, conseguirão a morte do Ego. Entregam-se á inação como método de vida, na expectativa de alcançar uma paz que é inoperância, anulação do ser. Outras odeiam literalmente o mundo e desprezam a tudo e a todos.

Que o Cristo se forme em todos nós

FIM